

47

XLVII

Parábola moderna

E eis que, em plena assembléia de espiritualidade, se levantou um certo companheiro intelectualista e dirigiu-se ao Amigo Sábio e Benevolente, que se comunicava através da organização mediúnica, perguntando, para tentá-lo:

— Benfeitor da Humanidade, que devo fazer para alcançar a vida eterna? como agir para entrar na posse da verdadeira luz?

Respondeu-lhe o orientador:

— Que te aconselha a doutrina? como lês o ensinamento do Cristo?

O consultante pensou um minuto e replicou:

— Amarás o Senhor teu Deus, com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, com todo o entendimento, e a teu próximo como a ti mesmo.

O Sábio Espiritual sorriu e observou:

— Respondeste bem. Faze isso e alcanças a vida eterna.

Contudo, o intelectualista apresentando justificativa e desejando destacar-se, no círculo dos irmãos, interrogou ainda:

— Como reconhecerei o meu próximo?

O comunicante assumiu atitude paternal e narrou:

— Um “espiritista” convencido, quanto à

sobrevivência da alma, porém, não convertido ainda ao Evangelho de Jesus, seguia de Madureira para a Gávea, quando encontrou, em certa rua, determinada reunião de pessoas bem intencionadas, mas ignorantes das letras do mundo, tentando a prática do amor aos semelhantes, possuídas de sincera e profunda boa vontade. Porque viviam distanciadas da ciência da expressão, suas palavras evidenciavam muita imperfeição de gramática, embora a excelente disposição que revelavam no exercício de virtudes santificantes. Os desencarnados que cooperavam na obra, observando que se aproximava um irmão detentor de elevados conhecimentos, indicaram-lhe o nome para que se lhe rogasse a valiosa colaboração. Instado pelos trabalhadores daquele piedoso núcleo do bem, o cavalheiro aproximou-se, sondou o ambiente e negou-se, acrescentando:

— Não, não posso cooperar! Isto não é Espiritismo.

E passou apressado, em busca de seus interesses.

No entanto, um materialista, de bom coração e reta consciência, que vinha pelas mesmas ruas, encontrou a pequena assembléia e, observando-lhe a determinação na prática do bem, distribuiu palavras de conforto e encorajamento entre aquelas criaturas de aprimoradas qualidades morais, deixando, ali, as bases de uma escola que funcionaria, em breve, aperfeiçoando valores e melhorando conhecimentos.

Seguia o mencionado “adepto” do Espiritismo, estrada afora, quando se lhe deparou um quadro doloroso. Miserável mulher, exibindo terríveis sinais de sífilis, caíra nas vizi-

nhanças de soberbo jardim, cercada por duas companheiras de infortúnio, necessitadas do braço de um homem caridoso que auxiliasse o transporte da enferma. Sentindo a aproximação do crente, sob nosso exame, acorreram, pressurosas, ambas as infelizes que ainda podiam andar, suplicando-lhe socorro em palavras da gíria, a evidenciarem, porém, justificada aflição e ardente desejo de ser úteis. O "espiritista" reparou que se encontrava nas adjacências de uma grande casa, dedicada a prazeres menos dignos e receando o falso julgamento, a respeito de sua conduta, negou-se, exclamando:

— Não, não posso ajudar! Isto não é Espiritismo.

E afastou-se, sem mais delongas.

Entretanto, o ateu, que lhe vinha nas pisadas, ouviu o clamor das mulheres e, longe de qualquer pensamento malicioso, alusivo ao local, amparou a pobre criatura, providenciando, imediatamente, para que fôsse asilada em hospital próximo, colaborando no pagamento das despesas, alheio a qualquer idéia de compensação.

Mais adiante, seguindo o "espiritista" o seu caminho, encontrou um grupo de trabalhadores, filiados às igrejas evangélicas do protestantismo, angariando auxílios para um serviço de assistência a meninos desamparados. Moças e velhos, rapazes e anciãos, cantavam na via pública, enternecendo corações com as reminiscências de Jesus. Findo o número musical, algumas jovens distribuíam flores naturais, em troca de insignificantes donativos, destinados

ao socorro de criancinhas órfãos e desvalidas. Uma das graciosas meninas aproximou-se e ofereceu-lhe uma rosa, acrescentando: "Amigo, cooperai conosco na assistência aos pequeninos abandonados!" O interpelado, porém, viu que o agrupamento trazia numerosos exemplares de jornais e revistas, contendo interpretações religiosas, diferentes daquelas que o seu raciocínio aceitava e, colocando-se em posição contrária à cooperação cristã, respondeu rudemente:

— Não, não posso atender! Isto não é Espiritismo.

E prosseguiu, rua afora, apressadamente.

Todavia, o materialista bondoso, que o seguia acidentalmente, foi colhido pela solicitação das jovens e, sentindo-se feliz, pela expressão de humanidade que a reunião apresentava, conversou alegremente com as meninas, encorajando o serviço de confraternização e benemerência que se levava a efeito, e, depois de anotar o enderêgo da instituição, a fim de acompanhar o trabalho de mais perto, valeu-se da bolsa que trazia e adquiriu muitas flores de auxílio, com o espírito amigo das boas obras e não com a disposição agressiva dos combatentes, despreocupado de qualquer recompensa.

E o "espiritista" seguiu seu caminho para a Gávea e o materialista continuou na estrada de bondade espontânea.

O mentor fez longo intervalo e, em seguida, perguntou ao consulente:

— Qual dos dois, a seu ver, aprendeu a reconhecer o próximo, prestando-lhe a atenção que devia?

— Ah! certamente — replicou o interlocutor, sensibilizado — foi o materialista, que sentia prazer em servir, trabalhando por um mundo melhor.

O Sábio Espiritual sorriu e falou-lhe, antes de despedir-se:

— Então, vai, e faz tu o mesmo.

48
XLVIII

O discípulo ambicioso

Quando Judas, obcecado pela ambição, procurou avistar-se com Caifás, no Sinédrio, trazia a cabeça incendiada de sonhos fantásticos.

Amava o Mestre — pensava, presunçoso — entretanto, competia-lhe cuidar dos interesses d'Ele. A vaidade absorvia-o. A paixão pelas riquezas transitórias empolgava-lhe o espírito. Despreocupado das necessidades próprias, intentava resolver os problemas do Senhor, perante as forças políticas do tempo. Valer-se-ia da influência prestigiosa dos sacerdotes, movimentaria Jerusalém, tomaria o cetro do povo israelita, em obediência às tradições dos reis e juizes do passado e, logo que fôsse consolidado o poder, restituiria a Jesus a direção, a honra, a chefia... O Mestre ensinava a concórdia, a tolerância, a paciência e a esperança, mas, como efetuar as reformas necessárias, através de simples atitudes idealistas?

E o discípulo, em atitude de homem escravizado à ilusão, aguardava Caifás, que não se fez esperar muito tempo.

Na sala enorme, iniciaram discreta conversação.

O sumo-sacerdote, após abraçá-lo com fingida simpatia, observou, em tom cordial: